

Jornalismo x NOVOS CAMINHOS



Com o mercado de trabalho cada vez mais acirrado e exigente para os jornalistas, tem se tornado cada vez mais comum a procura de novas áreas de atuação.

Por Ana Cláudia,
Luciana Monteiro,
Jadson de Almeida
e Stefannie Herschel

Percebe-se que atualmente as maiores empresas de comunicação, especialmente algumas redações abandonaram o verdadeiro objetivo do jornalismo, abrindo mão da informação pela multidão de opiniões que povoam as chamadas redes sociais. Mas não podemos deixar de ressaltar que tais redes têm sua impor-

tância e espaço relevante para o jornalismo, devido a facilidade e rapidez na comunicação.

É verdade que estamos vivendo um quadro triste no qual o sensacionalismo e a espetacularização têm sido mais valorizados, junto ao desleixo e a falta de responsabilidade com a ética que tomaram conta de muitos. Mas é de suma importância reconhecer e valorizar o trabalho dos jornalistas. Pela indispensável necessidade de informações e de alguém que fale pela população o jornalista existe.

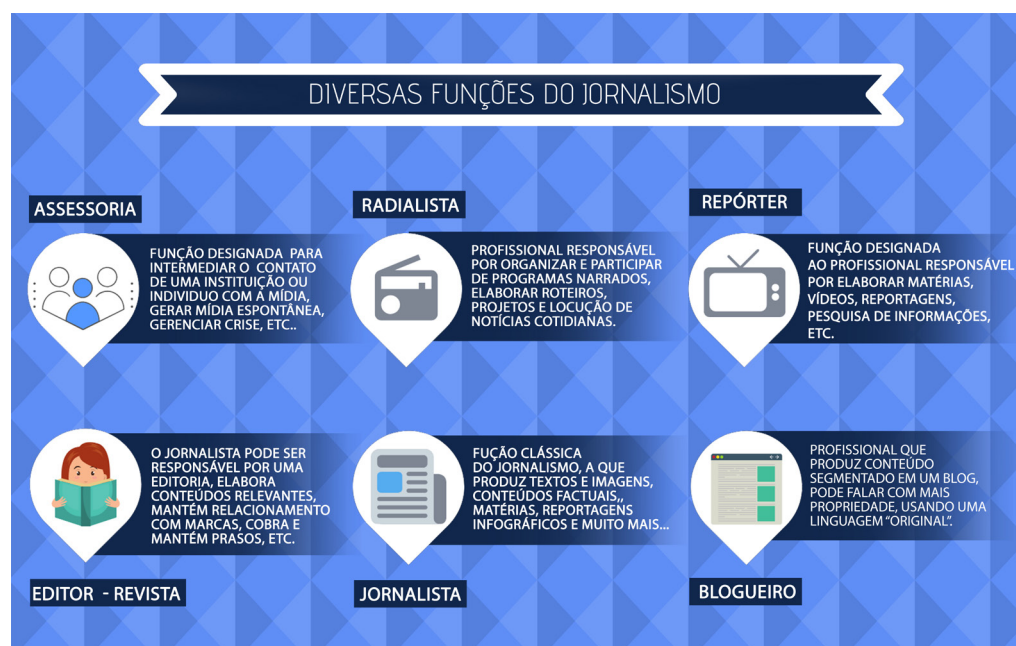
Mas por conta do mercado restrito ou por não se enquadrarem no ramo, estes profissionais têm deixado de lado este “compromisso” com a verdade para tentarem a vida em outras áreas de atuação. E há muitos fatores que contribuem com essa mudança.

A revolução tecnológica pode ser apontada como responsável pela migração dos jornalistas para o digital, uma vez que os meios digitais tomaram maiores proporções ao possibilitar que as notícias fossem veiculadas com maior

rapidez e eficiência, fazendo com que grande parte do público leitor migrasse do jornal impresso para o virtual. É notável que estejamos vivenciando uma era digital, onde aos poucos os veículos de comunicação vão se adaptando as novas formas de atingir seu público, atendendo a demanda e velocidade de informação, dificultando a inovação dos meios tradicionais, como o impresso.

Segundo a pesquisa do ICFJ (International Center for Journalists), apenas cinco por cento das redações jornalísticas em todo o mundo possuem funcionários com formação tecnológica voltada para a área, mostrando a escassez de pessoas extremamente qualificadas para adaptarem as redações, e instalando a dúvida se a qualidade do jornalismo acompanha sua evolução mercadológica.

O primórdio da revolução digital inicia-se em 1950. Desde então a revolução tecnológica e digital foram mudando a forma de ver o jornalismo e suas múltiplas funções. “A revolução do impresso, com a invenção de Gutenberg, retirou os livros do monopólio da Igreja, o telefone permitiu uma comunicação instantânea entre pessoas, a TV e o rádio levaram informações a distância para uma massa de espectadores. A internet cria hoje, uma revolução sem precedentes na história da humanidade. Pela primeira vez o homem



pode trocar informações, sob as mais diversas formas, de maneira instantânea e planetária (LEMONS, 2002, p.116).

Vale destacar também que outras mudanças contribuíram para a saída dos jornalistas em suas iniciais ocupações, como o fato do jornalista contemporâneo ter adquirido múltiplas funções. Diferente do panorama arcaico do jornalismo, onde era apenas um profissional por função, logo havendo mais ocupações para mais jornalistas, o jornalista da era digital é aquele que se aplica em todas as funções; Idealiza a pauta, fotografa, edita e publica em curto prazo para suprir a demanda do seu veículo.

“[...] todas estas inovações tecnológicas geram condições infinitamente superiores para a qualidade do trabalho do jornalista, mas, ao mesmo tempo, exigem, pelo dinamismo, velocidade e diversidade de sua evolução, uma permanente reciclagem atualizadora

do jornalismo profissional, principalmente sob o ponto de vista estético e ético.” (VICCHIATTI, 2005, p. 98)

Diante dessa constante evolução, torna-se evidente que é necessária uma nova busca de como inovar os jornais impressos para essa nova realidade dos leitores do século XXI, como a busca instantânea por se noticiar, da rapidez e eficiência nas informações. Observa-se o porquê da redução de profissionais nas redações jornalísticas, fazendo com que os veículos assumam a necessidade da aplicação de novos meios tecnológicos e profissionais adaptados a estas tecnologias.

A violência contra os jornalistas também é um fator que aflige muitos profissionais da área, indo desde a violência psicológica, como ameaças, até a física, como agressões ou a morte. Segundo um relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), a vio-



Gabriela Sigeco

Gisele Moura, professora na Plus Language School

lência contra esses profissionais aumentou 36% em 2018, sendo registrados 135 casos de agressões, atingindo 227 jornalistas, o que resulta em um clima de medo no campo de atuação.

Nos últimos 12 anos, 38 jornalistas foram assassinados no Brasil. De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), apenas dez dos casos relatados foram solucionados, um número relativamente baixo, levando em consideração o constante aumento dos crimes contra os profissionais de comunicação. Segundo o relatório Tendências mundiais sobre liberdade de expressão e desenvolvimento da mídia, a cada dez assassinatos contra jornalistas, nove ficam impunes, levando o Brasil a ficar também em 10º lugar no ranking de Impunidade de cri-

mes contra Jornalistas. O país faz parte da lista há 9 anos, alarmando sobre a necessidade de priorizar a averiguação dos crimes, já que em muitos casos os crimes acontecem devido a denúncias e divulgação de documentos que os profissionais fazem. Principalmente em casos políticos em períodos eleitorais. Para fugir da insegurança e do medo, muitos profissionais acabam optando por atuar em outras áreas que não a de formação.

A falta de oportunidade é também um dos principais fatores para a atuação dos jornalistas em outras áreas. Com a grande crise que o país está enfrentando, o mercado de trabalho está se tornando cada vez mais acirrado, obrigando os jornalistas a migrarem para áreas como Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, e até mesmo fora do

padrão da comunicação, tais como a área do empreendedorismo, caso do entrevistado Carlos Cesar, e até mesmo da educação, como é o caso de Gisele Moura. Ambos formados em jornalismo, mas atualmente não fazendo parte desta profissão em sua totalidade. “Eu realmente achava que a informação era a única forma de mudar a concepção das pessoas e com isso, gradativamente, o mundo. Mas tão logo comecei a trabalhar na área até me dar conta de que as notícias são os produtos dos meios” diz Gisele a respeito.

Formada a sete anos e atuando na área desde o estágio no quarto ano, ela nunca deixou o jornalismo de lado. Já trabalhou em revista, jornal, internet e televisão, e atualmente é jornalista, conteudista, redatora freelancer e professora de idiomas. Gisele explica



Roberta Souza

Gisele com dois de seus alunos, Gabriela Sigeco e Fabio Ramos



Ana Lúcia Gonçalves

Carlos César em mais um dia de trabalho

que o motivo de sua mudança é que a área do ensino de idiomas é bastante flexível, onde ela é capaz de “combinar as coisas”.

Diferente de Gisele, Carlos está formado há 30 anos. “Na época (1986), eu gostava muito de escrever e tinha grande paixão pela fotografia. Sempre fui um ótimo aluno em Língua Portuguesa e Literatura. Embora jamais tenha publicado, escrevi quase uma centena de poemas e poesias. Além do mais, naquela época a profissão era valorizada e possuía um certo glamour. Meu sonho era concluir o curso e trabalhar como repórter fotográfico para grandes revistas da época (Geográfica Universal, Manchete, Veja).”

Carlos já atuou durante 4 anos na Folha Universal, se intitulando praticamente um dos “fundadores deste jornal”,

focando-se nos 18 anos seguintes na área da Assessoria de Imprensa, onde coordenou um grupo de assessoria de imprensa simultâneo para todos os políticos da Igreja Universal no Estado de São Paulo, e também ajudou a fundar o Partido Municipalista Renovador (PMR), transformado depois em Partido Republicano Brasileiro (PRB) e, atualmente, Republicanos. “Fui membro da executiva nacional do partido”. Atualmente é microempreendedor individual, no setor de brindes promocionais.

Carlos fala que dentre alguns fatores, a desvalorização na profissão do jornalismo o levou a mudar de profissão. “No decorrer dos anos, a não obrigatoriedade do diploma para exercer cargos específicos do Jornalismo nos colocou em desvantagem e uma con-

corrência desleal com pessoas que nunca cursaram uma faculdade e acabam adquirindo o direito de exercer a profissão por meios “escusos” ”.

Mesmo que para Carlos a Assessoria de Imprensa seja uma ramificação do jornalismo, o foco é diferente da reportagem. “Atuando meus últimos 18 anos com assessoria, já não estava muito habituado com as notícias. Minha função era de vender uma imagem positiva do meu produto (políticos, organizações, empresas, etc.)” Carlos tem como meta agora cursar Turismo e investir nesta área.

Gisele por outro lado continuará em ambos. “Com a agilidade das mudanças, impulsionadas principalmente pela tecnologia, estamos sempre desatualizados em alguma ponta, por isso sempre procuro me manter informada, atuando e estudando também”.

Evidentemente um jornalista é perito em se comunicar e manejar como ninguém as palavras. Com seu faro investigativo, consegue apurar a veracidade dos fatos. Com tais habilidades, o profissional tem aproveitado as novas oportunidades para desenvolver novas práticas e técnicas de trabalho, destacando-se em novos mercados.